

«Tribuna do Vate»



Joaquim Soeiro Pereira Gomes (Nome literário **Soeiro Pereira Gomes**); nasceu em Gestação, concelho de Baião, distrito do Porto. (14/4/1909 – 5/12/1949) foi um dos grandes nomes do neo-realismo literário em Portugal.

Militante comunista, desenvolveu uma sensibilidade social muito grande, que se reflectiu no seu trabalho, onde está sempre presente a denúncia das desigualdades e das injustiças.

A sede nacional do Partido Comunista Português, em Lisboa, tem o seu nome (Edifício Soeiro Pereira Gomes), assim como a rua onde se situa.

Viveu em Espinho, dos 6 aos 10 anos de idade, onde recebeu a instrução primária e onde passou o Verão nos primeiros anos da sua vida. Sendo filho de agricultores decidiu estudar na Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra, onde tirou o curso de Regente Agrícola, e, quando finalizou os estudos, viajou para Angola onde trabalhou por mais de um ano.

Quando regressou a Portugal, foi habitar em Alhandra, onde vivia o seu sogro, como empregado administrativo na fábrica de cimentos local, onde começou a desenvolver um trabalho de

dinamização cultural entre o operariado.

Mas foi o seu trabalho como escritor que o tornou conhecido, sendo considerado um nome grande do realismo socialista em Portugal. Com apenas 20 anos, em 1939, começou a publicar escritos seus no jornal «O Diabo», à época uma publicação progressista que contrastava no panorama cinzento das publicações censuradas pelo fascismo.

Soeiro passa à clandestinidade em 1945 para evitar a repressão do regime de **Salazar** e continua a desenvolver o seu trabalho militante. Grande fumador acaba por ser vítima de cancro pulmonar (e não de tuberculose), agravado pelas dificuldades da vida clandestina. Impedido, pela clandestinidade, de receber o tratamento médico que necessitava faleceu a 5 de Dezembro de 1949.

Encontra-se sepultado em Espinho, terra que o acolheu durante a infância. Da sua sepultura consta o seguinte epítáfio "A TUA LUTA FOI DÁDIVA TOTAL"

Obras Literárias:

Esteiros (1941); Engrenagem (1951); Contos Vermelhos: Refúgio perdido (1948); O pio dos mochos (1945); Mais um herói (1949) – Contos e Crónicas: O Capataz (1935); As crianças da minha rua (1939); Pesadelo (1940); Companheiros de um dia (1940); O Pástiure (1940); Um conto (1942); Alguém (1942); Breve história de um sábio (1943); Estrada do meu destino (sem data); Um caso sem importância (1950); Última carta (sem data) – Documentos políticos: Praça de Jorna (1946)

(...) Excerto in: "Esteiros"

— Se não se calam, racho um! — vociferou ele, avançando para a porta da barraca.

Fez-se silêncio. Os que estavam mais próximos recuaram, temerosos.

Mas logo Gineto gritou de longe: — O melhor é matar-nos!

— Para quê, pá? Só levava ossos... — comentou Sagui, indicando o corpo enfezado.

— Ou calam-se, ou paro com isto!

Calaram-se. Ficar sem féria seria perder a Feira. E a Feira era a verdadeira festa de despedida dos moços dos telhais. Cinco dias de pândega, entre um Verão de canseiras que findava e um Inverno de miséria que surgia. O pagamento prosseguia.

— Malesso!

— Pronto — e agitando na mão o dinheiro recebido exclamou: — Este é pró fato novo...

— Novo de há dois anos, aldrabão — casquinou Gineto. — Amanhã é que se vê.

— Sagui! — chamou o mestre.

— Cá estou.

Detrás, um companheiro perguntou:

— Vais comer todos os bolos da Feira co'isso? — Se cá couberem...

Bateu na barriga, e a malta riu. Sagui era pequeno, mas tinha fama de comilão.

Só fama...

O mestre continuou:

— Guedelhas!

— Pronto.

O moço saiu cabisbaixo, a contar a féria que os irmãos e o pai, desempregado há dois meses, esperavam. Os companheiros sabiam disso, e não gracejaram.

— Gineto!

Sem responder, o moço adiantou-se, devagar.

— Tiveste sorte, hem! — disse o mestre com ironia. — Desta vez deitaste fora a temporada.

— Foi por gostar muito de você.

Frente a frente, olharam-se com raiva.

— Malandro... — rugiu o mestre.

— Cão! — ripostou Gineto. E saiu lépido, empurrando os companheiros.

Um destes gargalhou:

— Foge, Gineto.

— Foge o quê, pá? — estacou ameaçador. — Se ele me comer, tem que me largar pelo rabo. Que julgas?

O outro calou-se, amedrontado, e Gineto seguiu caminho, maldizendo o mestre e o telhai. ...